

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 2000 réis	—	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa.
Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 3000 »	N.º 70	Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.
Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 »		
Numero avulso... 2000 »		

## TRABALHO NACIONAL

Se a hora escura e angustiosa em que estamos não nos impedisse a natural satisfação de uma certa vaidade, que mais ou menos todos sentimos, poderíamos agora regosijar-nos de que a final também todos se convencessem que só no trabalho nacional pôde estar a salvação e a vida de Portugal.

Quem, como nós, ha annos lucha, embora obscuramente, com a palavra, com a penna, e com o exemplo a favor de todas as manifestações da actividade portugueza, tendo, não raro, colhido alguns dissabores da insistencia calorosa da sua propaganda, pôde, com uma tal ou qual ufania, reclamar a diminutissima, mas justa parte de alegria que lhe pertence por ver quasi vencedora a sua idéa favorita.

Infelizmente, como esta victoria representa para a nossa patria o começo da liquidação de erros de natureza varia, procedentes ao mesmo passo de governos e de governados, de individuos e de collectividades, o regosijo não pôde ser completo, como desejaríamos.

No emtanto, mais uma vez se confirma o proloquio: *ha males que vem por bens*, e se as provações que nos têm alpalpado servirem ao menos para definitivamente acordarmos, e de vez comprehendermos o que nos cumpre fazer, resolvendo-nos a agir e a pensar, quasi deveremos bemdizel-as, porque ellas nos terão permitido rehabilitar-nos perante a civilização geral, e affirmar-nos de um modo pratico e util no progresso commum.

Quanto a nós — será talvez a ultima illusão nossa — afigura-se-nos que assim succederá; e, em tal caso, não saberemos disfarçar que muito nos alegraremos até com as tristezas que agora tenhamos soffrido; porque mais uma vez se verificará a grande verdade philosophica: que é na adversidade e na dor que se retemperam os homens, tanto como as nações.

Esta, que é, na phrase celebre, a historia natural da humanidade, precisa ser também a miude o estimulante que disperse e o cauterio que purifique os que, esquecidos dos eternos principios de moral e de justiça, que são o eixo do mundo e o fundamento da consciencia, adormecem na lethargia criminosa dos indifferentes ou dos egoistas, e se dispensam de

ser solidarios no cumprimento de deveres que lhes impendem como elementos do aggregado social.

Ora nós estávamos e estamos ainda n'esta situação, e, mercê da nossa inconsciencia proverbial e parece que até organica, nunca olhámos muito ao diante, e desde que a hora actual, embora passageira e rapida, nos ministre aquillo de que carecemos, não curámos demasiado do futuro, esquecendo que esse futuro também um dia ha de ser presente...

E ver a nossa historia, para que sem detença nos convencámos d'isso.

Não fizemos a Africa, por imprevidencia; perdemos cedo o Brazil, por apathia; arruinámo-nos na metropole, por incuria; e levámos tempo a acordar, por indifferentismo.

Não negámos que algumas das causas determinantes d'estes effeitos foram independentes da nossa acção, e haveriam de produzir-se, mais tarde ou mais cedo, em virtude de circumstancias superiores.

Menos ainda contestámos a nossa impossibilidade fundamental para tolher ou sequer neutralisar algumas d'ellas.

Mas, affirmámos sem receio de desmentimento, que com tino, saber e previsão ter-se-iam retardado umas e feito redundar outras em proveito nosso.

Não vale, porém, a pena esmerilhar agora estes pontos, que aliás não são estranhos ao nosso assumpto; e como jeremiadas extemporaneas não remediavam desgraças, procuremos demonstrar como é, além de patriótico verdadeiramente sensato pendurar para sempre no cabide das velharias o *costume* de estrangeirismo, que até agora tão impensadamente temos envergado.

Pois como é que se affirmam os paizes, senão procurando extrahir do seu solo todas as riquezas que n'elles jazem, educando os seus filhos de fórma a tornal-os quanto possivel independentes da protecção estranha, e apercebendo-os com todos os instrumentos de trabalho e de riqueza para vencerem as contingencias da vida?

E qual tem sido o nosso erro, famos dizer o nosso crime historico?

Precisamente o desconhecer esta grande verdade de que paizes que se desnacionalizam são paizes que se suicidam, e nunca, portanto, ter pensado em *nacionalisar* todo o trabalho e toda a riqueza, fomentando esta por meio d'aquelle.

Durante um largo periodo, em virtude da influencia bacharelante da politica nas questões da economia e da administração, nós adormecemos na doce convicção de que, como no paiz não tinham surgido das verdes hervas, como Minerva da cabeça de Jupiter, fabricas e industrias já feitas e aparelhadas para a lucta, com todos os petrechos indispensaveis, não era possível estabelecer-as nem patrocinal-as, pela simples e commoda razão de que não eramos um paiz fabril nem industrial, mas sim um povo *essencialmente agricola*.

Ora nós pegámos em Say, e o que nos diz elle? Diz-nos que é por uma distincção futil que as nações se classificam como agricolas, commerciaes ou manufactureiras, porque, se um paiz prospera na agricultura, ahí está uma razão para que as suas manufacturas e o seu commercio prosperem; e, se este e aquellas florescem, tambem melhor estará a agricultura.

Vemos, pois, que se nós somos *essencialmente agricolas* tambem devemos ser *essencialmente manufactureiros*, com tanta maior razão que, tornando-se a agricultura em virtude dos progressos da sciencia uma industria cada vez mais complexa, nem mesmo sendo só agricolas nós poderíamos deixar de ser industriaes.

Encaremos, porém, uma outra face da questão. Averiguemos os motivos mais ou menos precedentes por que não podemos, segundo a opinião dos chamados praticos, ter industria nossa.

Em geral a razão que em palestra e na imprensa temos ouvido apresentar, é a de que não podemos competir com o estrangeiro; e, á primeira vista, aquelles que isto avançam terão, aparentemente pelo menos, uns taes ou quaes elementos com que justifiquem o seu asserto.

Mas... vamos aos factos. Começemos por averiguar as causas que nos inibem de competir com o que se *faz lá fóra*.

As causas, asseveram os que até hoje têm impugnado ou impedido o desenvolvimento da produção nacional, são a carencia de materias primas, a inopia de capital, e a deficiencia de pessoal habilitado.

Quanto á primeira é ella exacta em parte; mas alem de no proprio paiz serem algumas das proprias materias primas igualmente susceptiveis de se crearem, ainda convem notar que mesmo nos taes grandes paizes manufactureiros ellas nem sempre existem, e são por consequencia originarias de pontos diversos.

A Inglaterra, por exemplo, que exporta tantos tecidos de lã, importa esta de diversas procedencias, até de Portugal.

Seria, portanto, fácil de fomentar aqui mesmo a produção de muitas d'ellas; e de tres que são essenciaes, pelo insubstituivel concurso que prestam a quasi todas as outras, ha no paiz ou nas suas colonias importantes nucleos que, convenientemente estudados e desenvolvidos, seriam outras tantas fontes de riqueza particular e publica.

Referimo-nos ao ferro, ao carvão e á madeira. Do primeiro temos no proprio continente um districto (Leiria), que, na phrase expressiva de um engenheiro, é uma como que vasta sacca d'elle.

Ferro, existe tambem no continente, em Moncorvo, em toda a região do Douro, e naturalmente em

muitas outras, alem de com certeza dever haver-nas nas ilhas e em varios pontos da nossa Africa.

Pelo que diz respeito á madeira, basta o que em um relatorio, que não temos presente, dizia o governador de uma das nossas possessões, onde, ao que parece, a que se poderia apurar das florestas circumjacentes era tanta e de tal qualidade, que por si só daria ampla carga a navios que ao seu transporte se consagrassem.

Seria apenas preciso que ao córte d'ellas presidisse a sciencia e consciencia de um agronomo conhecedor do assumpto, e que não se procurasse desbasta-as sem criterio e sem cuidado, mas sim que houvesse plano e continuidade n'elle.

Ainda na nossa malfadada India ella poderia ser largamente explorada, como os inglezes o fazem; mas o nosso sabio patriotismo preferiu, e não sabemos se continuará ainda a preferir, para gloria propria e proveito alheio, importar-a da Suezia, e sangrar-se do bello oiro, que é o sangue do orgaenismo nacional, embora esse orgaenismo se haja indo definhando até ao ponto em que o vemos hoje!

Ahí está quanto á primeira causa.

Vamos á segunda, inopia de capital.

Tambem em parte é fundamentada, concordámos; mas a prova de que em absoluto não colhe, é que quem conhece a historia dos ultimos trinta annos da nossa vida economico-financieira sabe bem quantas centenas para não dizer milhares de contos se esbanjaram em minas hypotheticas, em jogos de fundos não menos hypotheticos, e em mil outros negocios ainda mais escuros e phantasticos, sem base solida visivel, sem um alto intuito moral e civilizador, e sem um nobre fim patriotico ao menos.

Toda esta onda de dinheiro arrojada em pura perda para o oceano sem fim das ambições desenfreiadas, nada fecundou de grande, de bello e de util, e, bem pelo contrario, lançou no meio social a perturbação e a desordem, depondo em numerosos corações a vasa negra de muitas assoladoras e deprimentes paixões, origem d'essas doentias febres, que são sempre a morte dos orgaenismos...

Supponham-n a alimentando com o seu nateiro tantas industrias incipientes, e respondam depois se tal inopia existiria.

Resta ainda a terceira causa: a deficiencia de gente habilitada.

Tambem só é justa quanto ao pessoal dirigente, nem sempre de primeira agua; porque o que é dirigido sofre confrontos com o que ha de melhor, quando o ensinam, o apreciam e dignamente o remuneram.

Não negámos que abundam os maus operarios, sem o amor da sua profissão, sem o orgulho bem entendido do seu mester, e não procurando atingir n'elle a possível perfectibilidade; precisamente a esse triste e dissolvente elemento aqui mesmo, no numero passado, nos referimos; mas, qual é a classe que o não tem?

Todavia é opportuno lembrar que durante um largo periodo nem camaras, nem governos, nem as grandes associações de classe fizeram cousa alguma de proficuo para fundar a valer o verdadeiro ensino por-

fissional; e a começar na nossa deploravel instrução primaria, onde quasi são ainda desconhecidos os exercicios manuaes, tudo tem estado por fazer.

Examinadas, embora a traços largos, as tres causas apontadas, devemos analysar agora a eterna e nunca definida questão do proteccionismo e do livre cambio, no que connosco se relaciona.

Assim, affirmam uns que Portugal tem sido ferozmente proteccionista, e outros procuram demonstrar o contrario.

Ora quanto a nós quer-nos parecer que a razão está nos ultimos; pois de que serve um tal ou qual direito protector exarado na pauta se elle é illudido na execução de mil diversas fôrmas?

E o que significa ser proteccionista, e deixar que o estrangeiro nos tenha avassallado por tantos e tão complexos modos, e que de tal guisa nos tenhamos tornado dependentes dos seus mercados, dos seus capitães e das suas exigencias, que constitue hoje quasi um perigo o tentar cortar o cordão umbilical que a elle nos liga?!

Mas a prova de que realmente não temos dado protecção alguma eficaz e logica a muitas industrias tão portuguezas e tão caracteristicas, que até foram algum tempo a gloria e a honra de Portugal, foi o havermos deixado estiolar-se, abandonada e perseguida, a importante industria das sedas, que só a sua parte representa hoje uma das riquezas da França; foi o havermos consentido que a tal ponto descesse a industria de ceramica, que nem hoje conhecemos nos bellos objectos que importámos de Vienna, por exemplo, os filhos dos simples e modestos objectos que os nossos oleiros de Extremoz desprotegidamente e obscuramente manipulavam!

Em marcenaria, quem conhece a historia dos nossos seculos XVI, XVII e XVIII com certeza não ignora quão preciosos specimens se produziram; e, no entanto, importámos e imitámos sem discernimento e sem gosto o que outros fazem impondo-se-nos como mestres!

Se foi deixando definharem-se todas estas industrias e quasi não creando nenhuma outra que fizemos proteccionismo, estranho e singular proteccionismo este, em verdade!

Mas não fizemos tal, e se o fizéssemos, não teriamos senão imitado o que nos seus inícios têm feito todas as nações.

A Inglaterra, por exemplo, que hoje tanto blasona do seu livre cambismo, a propria França, foram ferozmente proteccionistas, quando para facilitarem a fabricação dos seus pannos, das suas sedas, dos seus velludos, não acceitavam os que a Flandres e a Italia lhes offereciam.

O celebre acto de navegação de 1651, ordenando o emprego de navios inglezes na importação de mercadorias oriundas da America, da Asia, da Africa, e que só por assim dizer muí recentemente deixou de ter força de lei, o que foi senão uma medida de protecção á qual esse paiz deveu a poderosa marinha que hoje ostenta?

É o proprio Smith, apesar de economista orthodoxo, quem defende este acto do seu governo; e nin-

guem ignora que, como diz Rossi, qualquer estado possa até ser, em consequencia de inqueritos a que proceda, obrigado a fundar uma dada industria e a auxiliar mesmo um determinado monopolio.

Colbert, em França, chegou a adiantar aos fabricantes de panno e seda, por cada tear em laboração, a somma de 2:000 francos; e, finalmente, no nosso paiz todos sabemos o que o grande Pombal fez para remediar a solução de continuidade que o resto do seculo XVI e todo o seculo XVII tinham aberto entre o seculo XV e o seculo XVIII.

E, quando nós em 1888, por occasião da Exposição da Avenida, diziamos n'um artigo que era até dever nosso pagar a principio mais caro um artigo qualquer de produção nacional, para por todos os meios estimularmos e desenvolvermos a industria portugueza, mal sabiamos então que poderiamos defender a temeridade do nosso asserto com a immensa auctoridade de um economista classico, Smith, o qual affirma que talvez um governo proceda bem auxiliando industrias que, embora motivando perdas, possam n'um futuro breve proporcionar vantagens...

Vê-se, pois, que qualquer que seja o aspecto da questão, de todos elles se pôde concluir que só não fomentam e não ajudam a produção e o aproveitamento das forças vivas nacionaes os paizes que, ou deliberaram suicidar-se, e para isso começaram subalternando-se em todos os ramos da sua actividade social, ou que por uma insanavel fatalidade foram durante um largo periodo regidos por politicos sem sciencia nem probidade, que substituíam os expedientes do empirismo ás serias e nobres conclusões do estudo e do trabalho.

Nós fomos, e ainda estamos sendo victimas dos ultimos; mas parece que a final se pensou em acordar, e oxalá que isto não seja apenas o estremunhamento de quem muito tem dormido, e que, despertando momentaneamente, resolve... voltar-se para o outro lado...

N'este caso o outro lado é a morte; e com franqueza parece-nos que Portugal teria ainda alguma cousa a realizar antes de se despenhar no abysmo.

É por estarmos d'isso convencidos que ainda até não desanimámos em absoluto, mas não devemos deixar perder a terceira occasião que se nos offerece para devêrmos iniciarmos a tão pedida, mas tão adiada, *vida nova*.

Foi a primeira em 1880, quando o paiz inteiro se ergueu galyanisado por um grande sentimento de revivescencia, solemnizando n'uma comunidade tocante o centenario d'esse divino poeta que encerrou no escreino do seu livro a alma portugueza; foi a segunda, dez annos depois, em 1890, quando o pontapé inglez nos offendeu nos nossos brios e nos fez entrever a um tempo o vergonhoso interior de uma fingida alliada, e a vacuidade irremediavel e confessa dos nossos *estadistas* de encarte; é a terceira a presente em que nos achámos, e que tendo varias causas produziu um effeito unico: o de nos chamar á realidade dos phenomenos, mostrando-nos como *isto* até hoje tem andado puramente á matroca — *sem rei e com muitos roques*...

A drenagem constante e avolumada de oiro, o pagamento dos juros de successivos empréstimos, nem sempre utilmente applicados, a deficiência dos nossos recursos individuais, a todos cremos que terão aberto os olhos, e mostrado que têm a final razão os que pré-gavam a nacionalisação do trabalho, a emancipação da tutela estrangeira, e o augmento da capacidade intellectual e moral das camadas sociaes.

É já hoje manifesta a divergencia dos governantes e dos governados; e se aquelles perderam a auctoridade, que tão injustamente fruíram por longo tempo, estes não sabem ainda bem disciplinar para um fim convergente as louvaveis energias que os levam a interessar-se pelos destinos de Portugal.

Em todo o caso se a base affectiva ainda não está achada, a base creadora já o está, e uma futura integração critica d'essas actividades dispersas poderá talvez salvar Portugal de cair muito mais vergonhosamente que em 1580.

O terreno de lucta commum é a séria e insistente catechese em favor do trabalho portuguez em todas as suas manifestações; e se a corrente que se formar conseguir levar de vencida essa outra corrente demoralisadora e deletéria do estrangeirismo, que tem sido o nosso cancro, e que alastrou em todo o nosso organismo politico-social, será porventura possivel a regeneração e a cura, sobretudo se houver a coragem de cortar fundo e forte por todos os tecidos mais ou menos affectados.

Agora mesmo o Porto<sup>1</sup> realisa uma exposição industrial que tem deixado maravilhados muitos dos visitantes d'ella; aqui, em Lisboa, o facto da oscillação dos cambios, a carestia do papel sobre as praças estrangeiras, e o mal estar financeiro e economico, têm obrigado o publico e o commercio a procurar de preferencia os productos de origem portugueza, tendo até esta circumstancia dado ensejo a varias surpresas sobre a procedencia de muitos artigos que varios patriotas de contrabando adquiriam como estrangeiros: todos estes phenomenos se conjugam, e todos elles dão uma resultante que pôde, apesar de tudo, ser a salvação de Portugal.

Oxalá que da philosophia que elles encerram saibam os que por qualquer modo têm de intervir nos nossos destinos sociaes, extrahir os principios de reabilitação economica e de levantamento moral, que são a suprema norma da vida dos individuos ou das collectividades, e que dão á consciencia uma força e á sociedade uma razão de ser e de lutar...

ALFONSO VARGAS.

<sup>1</sup> No proximo numero nos occuparemos do bello certamen, que tivemos o prazer de ir visitar, e que mais confirmou os nossos pontos de vista, como tentaremos demonstrar.

Não ha dividas mais pesadas que as da gratidão para um coração generoso, quando lhe é impossivel amortisal-as.

FRANKLIN.

## PAPEL TRANSPARENTE

O oleo de ricino é um dos mais siccativos que se conhecem; além d'isso é solúvel em todas as proporções no alcool absoluto, e quasi incolor quando

fabricado a frio. Estas tres propriedades tornam-o perfeitamente aproveitavel para o preparo de papeis transparentes. Segundo a consistencia, ou antes espessura do papel que se pretende tornar diaphano, dilue-se uma parte em volume de oleo com duas ou tres partes de alcool, imbebe-se muito bem o papel n'esta composiçào, e em seguida pendura-se ao ar. O alcool vaporisa-se rapidamente, e o oleo, imbevido na massa do papel, secca dentro em pouco. O papel fica tanto mais transparente quanto menos espessa é a sua massa.

(Bulletin de l'Imprimerie et de la Librairie)

ELLA...

Diz uma velha historia do Oriente  
Que um dia um soberano phantasista,  
Demorando enlevado e aereo a vista  
N'uma fulgida estrella alviniteinte,

Acreditou sincera, ingenuamente,  
Com a divina fé d'um utopista,  
Ser ella uma visào santa e bemquistã  
Que elle em sonhos buscava eternamente...

Ninguem desilludiu o pobre louco,  
E elle foi-se finando pouco a pouco,  
Sempre adorando crente a sua estrella...

Tambem eu — ai de mim — imaginei  
Descobri-la no azul; mas se sonhei  
Louco hei de mim morrer... e sempre a vel-a.

LUCIOLLO.

## A NOSSA GRAVURA

Pela presente gravura, que os leitores do curioso *Relatorio da guerra da Zambézia em 1888*, primorosamente escripto pelo distincto official da armada Augusto Castillo, certamente conhecem, aprecia-se bem a importancia e o valor da posição da serra Bacampembuzé, situada a cavalleiro da aringa do famigerado rebelde Motontora, em Massangano, e dominando-a por completo.

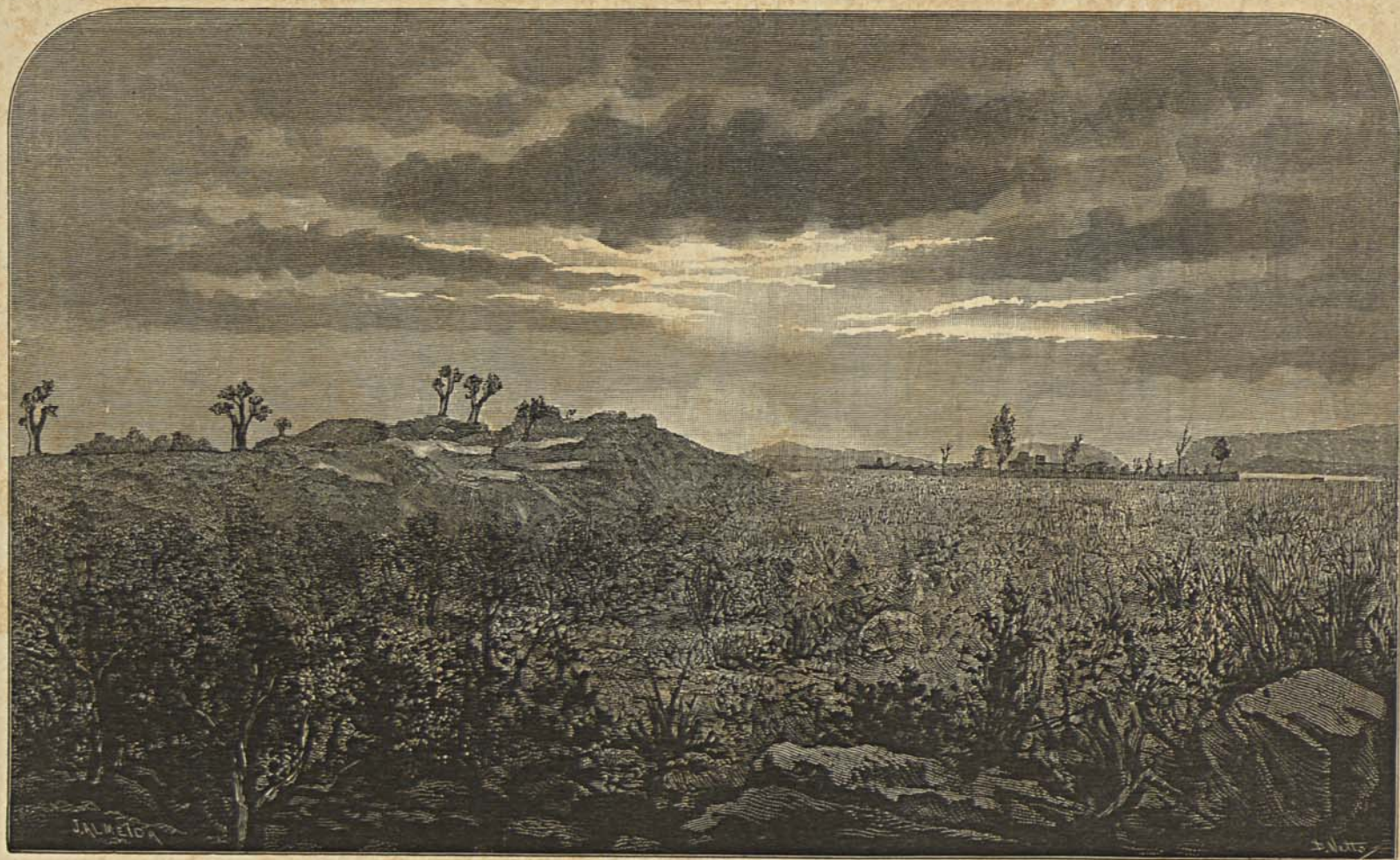
Forma a serra altas penedias escarpadas para o lado da aringa, apresentando um declivio suave para o lado contrario. No alto vêem-se alguns tristes baobabs. A direita destaca-se a aringa do seu lado mais estreito, avultando a meio d'ella as paredes arruinadas da casa incendiada que foi do Bonga. Mais adiante a linha alveante do Zambeze, e ao fundo outra serra — a do Pingu.

Bacampembuzé supportou um fogo vivissimo; mas, finalmente, a 27 de novembro era tomada com denodo por tropas populares auxiliadas por uma diminutissima força de caçadores n.º 5, que dias antes tinha marchado para lá com esse fim.

Algumas mortes marcaram esta victoria das armas portuguezas; e os modestos e dedicados combatentes que pagaram com a vida a posse d'essa posição, de um tão alto valor estrategico para o prestigio das nossas armas, merecem bem o testemunho saudoso da nossa veneração pela sua memoria.

Ficou ali assignalado com sangue o nosso dominio, porque era indispensavel subjugar Massangano e vencer os rebeldes; mas a leitura do notavel trabalho do sr. Augusto de Castillo dá-nos a prova de como essa campanha gloriosa não foi uma carnificina sem motivo, mas uma legitima exigencia, no intuito de assegurar o nosso prestigio, uma d'essas necessidades fataes que não podem evitar-se.

Os baobabs, que as balas crivaram e que lá se conservam, ficarão, pois, como um testemunho d'este triste facto, mas não increparão os que ali luctaram pela sua crueldade, e certamente não clamarão vingança contra os que tiveram de cumprir o doloroso dever de matar e morrer, para nos assegurarem a posse d'essa hoje, por tão diversos modos, contestada terra africana.



SERRA BACAMPEMBZUE

## A IMPRESSÃO REGIA HOJE IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

(Fragmentos de um livro inédito)

1811-1888

(Continuado)

N'estes cuidados e no de melhorar, sob todos os aspectos, as condições economicas do estabelecimento, profundamente comprometidas pelas circunstancias que havemos indicado, consumiu Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa os primeiros e laboriosos annos da sua administração, conseguindo, todavia, dos diligentes esforços e discretos meios que empregára os mais lisonjeiros resultados: com effeito a receita effectiva da impressão regia elevou-se, nos annos de 1811 a 1815, á media annual de 56:463<sup>7</sup>/<sub>237</sub> réis; pertencendo n'este calculo á real fabrica das cartas 30:701<sup>7</sup>/<sub>541</sub> réis. Em consequencia de tão notavel prosperidade, Annes da Costa não só pôde prover abundantemente de papel e outros materiaes os depositos e armazens, que encontrára quasi de todo exaustos, como tambem acudir, sem sacrificio, á despeza de muitas impressões mandadas fazer de ordem do governo, e que este não pagára, entrando ainda no erario regio com a avultadissima somma de 42:790<sup>7</sup>/<sub>127</sub> réis, por conta do preço do privilegio das cartas de jogar<sup>1</sup>.

O desenvolvimento innegavel que esses algarismos revelam cada dia tornava mais urgentes a impreterivel necessidade, aliás reconhecida desde muito tempo, de reformar amplamente as differentes officinas, e de as dotar de material em harmonia com os progressos realisados na arte de imprimir. A execução d'este pensamento oppunha, comtudo, forte obstaculo a impropriedade e acanhaz relativa do edificio.

A mudança nem era facil, pois em Lisboa não havia um só edificio que reunisse todas as condições indispensaveis, nem conveniente, porque, alem de outros e graves prejuizos que de certo occasionaria, como é obvio, importaria o mesmo que perder o estado as importantes sommas (16:000<sup>7</sup>/<sub>000</sub> réis) já consumidas em reparos e ampliações. O alvitre mais prudente e mais de prompto realisavel foi o que occorreu ao administrador geral Annes da Costa, isto é, a compra ou subrogação do predio em que existia a impressao regia, fazendo-se-lhe depois todas as obras que parecessem necessarias.

As primeiras representações em que vemos tratado este importante negocio têm a data de 10 de junho e 1 de setembro de 1814; e urgia resolver o tanto mais rapidamente, quanto sendo a renda bastante pesada ainda, pois apenas, por diligencia do desembargador Domingos de Gamboa e Liz se obtivera, em 1785, um abatimento de 40<sup>7</sup>/<sub>000</sub> réis no preço primitivo, era constante a insistencia com que, por parte do senhorio, se procurava obter que essa renda fosse elevada a 1:200<sup>7</sup>/<sub>000</sub> réis, como já se havia tentado, em 24 de julho de 1806, pretensão que então fôra indeferida por aviso de 6 de fevereiro de 1807<sup>2</sup>.

Todavia só depois de muitas delongas, por portaria dos governadores do reino de 20 de fevereiro de 1816, se mandou lavrar a escriptura da compra para o estado do «edificio, casas e terrenos adjacentes pela pensão annual de 500<sup>7</sup>/<sub>000</sub> réis, e as bemeifeitorias descriptas no termo de avaliação, pelo preço de 4:800<sup>7</sup>/<sub>000</sub> réis, com a declaração de que a dita pensão será sempre considerada censo perpetuo, e não fôro<sup>3</sup>».

Deve notar-se que n'esta transacção ficaram comprehendidos não só o edificio solar da casa de Noronha, e terreno contiguo, pertencente ao vinculo instituido por André Soares e sua mulher D. Maria Botelha, como as casas em que morava o fiel da fabrica das cartas e os antigos mestres, que eram livres, e construidas depois do terremoto do 1.<sup>o</sup> de novembro de 1755.

Apesar das innegaveis vantagens, provenientes da resolução d'este negocio, que aliás Annes da Costa apressára quanto poderá, este funcionario, em officio de 23 de março, dando parte ao real erario de se haver lavrado a competente escriptura, dizia o seguinte:

«Está concluida esta utilissima transacção, mas para que a fazenda de Vossa Alteza Real tire d'ella a maior vantagem, cumpre agora resgatar-se aquelle censo. Vossa Alteza Real tem mandado vender, em beneficio do estado, os bens e terras da corôa, e d'estes é que podem dar-se ao administrador da casa tantos moios de sementeira quantos forem sufficientes para resgate do dito censo, com a obrigação de cultivar ou aforar as terras; ficando d'este modo a fazenda livre d'aquelle onus, o administrador do morgado, talvez mais satisfeito, e aproveitada a agricultura<sup>4</sup>!»

O pensamento aqui claramente enunciado era de um grande alcance administrativo; e devemos presumir que Annes da Costa não desprezaria qualquer oportunidade que se lhe offerecesse de o pôr por obra; entretanto nem a esse empregado, que sempre se mostrou tão cuidadoso nas cousas de administração propriamente dita, como se evidencia da sua correspondencia, nem a algum de seus successores foi dado realisar a remissão d'aquelle censo, como cumpria aos interesses do estabelecimento.

Por portaria de 23 de março de 1816 mandou-se, pela repartição das obras publicas, proceder no edificio á construcção das obras que o administrador geral indicasse como necessarias, «devendo, dizia ainda a portaria, o cofre da impressão regia entrar no erario com as sommas que fosse possivel, sem prejuizo do giro dos seus trabalhos e transacções, nem atrazo dos pagamentos que tinha obrigação de fazer<sup>5</sup>».

Foram aquellas obras muitas e de bastante consideração, como se depreheende tanto de diversas informações e officios do administrador geral, como do seu custo, que excedeu a 5:000<sup>7</sup>/<sub>000</sub> réis. Depois de

<sup>1</sup> Certidão, a fol. 46 do livro do registo de informações, officios, partes, etc.

<sup>2</sup> Livro 1 do registo de decretos, avisos e ordens regias, etc., fol. 107.

<sup>3</sup> Livro II do registo de decretos, avisos e ordens regias, etc., fol. 54 v. e 55.

<sup>4</sup> Livro de registo de informações, officios e partes, etc., fol. 48 v.

<sup>5</sup> Livro de registo de informações, officios e partes, etc., fol. 61 v.

concluídas, o edificio, se não ficou optimo, melhorou muito notavelmente de condições, attenuando-se e remediando-se, na maior parte, os gravissimos defeitos e inconvenientes que se lamentavam na sua disposição, com referencia ao genero de trabalho a que era applicado.

Já muito antes havia Annes da Costa solicitado a providencia do encanamento de uma penna de agua do aqueducto proximo, para a regular laboração das diversas officinas, o qual foi auctorizado por portaria de 22 de julho de 1813. A despeza d'esse encanamento, que importava um melhoramento no serviço e uma não desprezível economia, não subiu a mais de 200,000 réis. O consumo de agua regulava anteriormente por 25 a 30 barris diarios, occasionando o dispêndio de 100,000 a 120,000 réis por anno<sup>1</sup>.

Como já dissemos, um dos mais constantes empenhos de Annes da Costa consistiu em collocar a repartição a seu cargo em boa situação economica, regularizando a contabilidade, estabelecendo rigorosos methodos de fiscalisação, e procurando auferir o maximo interesse nos diversos ramos de trabalho, para o que lhe pareceu tambem conveniente, e o era de feito, manter severa disciplina nas diferentes repartições e officinas, determinando, por meio de minuciosos regulamentos, assim os direitos e deveres dos simples operarios, como as obrigações e garantias de cada um dos demais empregados.

(Continúa)

F. PENEIRA E SOUSA.

<sup>1</sup> Data igualmente do tempo de Annes da Costa a acquisição de uma excellente bomba para com mais facilidade se poder acudir a qualquer incendio que se manifestasse no edificio e suas pertenças. Esta bomba, que foi comprada á intendencia das obras publicas, ainda existe, e postoque seja de antigo systema, passa por ser muito perfeita no seu genero.

## HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

No primeiro momento em que Thomé tentou recapitular toda a estranha e imprevista scena d'essa memoravel tarde, pareceu-lhe que no cerebro se lhe abria um horizonte novo, e, no redemoinhar confuso das mais estravagantes idéas, não atinava bem como aquillo fôra.

Porque, emfim, se duas horas antes lhe houvessem prophetisado que iria possuir Florinda, elle rir-se-ia descrente, e nem sequer procuraria achar possibilidade para tal.

—Mas então não a amava? Nem isso mesmo ou-saria jurar.

Certamente que a vista e o convívio d'essa bella mulher elegante e fresca, que sabia dizer tão suaves e tão estonteadoras cousas, lhe punha os nervos n'uma excitação febril.

Certamente que na sua phantasia meio escandecida lhe passára muita vez o busto soberbo d'ella, onde elle presentia uma harmonia musical de linhas; e então vinham-lhe ancias de a morder, de a beijar, de a possuir emfim.

Mas figurava-se-lhe uma tal temeridade isto, via-a ella tão alta, e via-se a elle tão baixo! Depois, pre-

sentia-o bem, não respondia em nada ao typo que imaginava dever ser do agrado de Florinda.

Era grosso, espadaúdo, rubro, e calculava que ella só poderia apreciar um d'esses homens doces e finos, delgados e pallidos, como através dos retratos se percebia que havia sido o marido d'ella, como era o sr. Libanio, por exemplo...

No entanto, por uma força insita, irresistível, sentia-se attrahido para aquella mulher, e ás vezes surprehendia-se elle proprio a dizer-lhe palavras que quasi ignorava como lhe saiam dos labios e de onde lhe vinham, mas que sem duvida partiam do fundo mesmo do seu ser, porque ao sentil-as coarem-se-lhe pela garganta experimentava um allivio immenso, como se do peito lhe houvessem tirado algum acabru-nhante peso...

E elle proprio se convencia então que se não era amor o que tinha por Florinda, era evidentemente uma irresistível, uma viva sympathia, nutrida com o seu sangue, alimentada com a sua carne, e crescendo, crescendo no seu coração de maneira a absorvel-o todo...

—E ahí estava porque naturalmente lhe dizia essas cousas, que depois o maravilhavam a elle proprio, e ahí estava porque é que mesmo inconscientemente procurava sempre a casa d'ella, porque é que só o interessava o que era d'ella ou d'ella vinha, e porque é que, em summa, a trazia de tal modo dentro de todo o seu ser que tudo o mais: o mundo, o armazem, os amigos, o despotismo das cousas e a agitação das pessoas, eram para elle abstracções sem limite, expressões incoercíveis e vagas, perdendo-se ao longe n'alguuma região ideal...

E assim foi que se encontrou na posse de Florinda, impellido pelos mysteriosos desgnios de algum occulto poder, poisque —confessava-o— nunca lhe passára pela mente conseguir vencer uma mulher assim.

—Mas já que isto succedêra preciso era saber aproveitar.

E como se o bom senso terra-terra da sua raça n'elle vislumbrasse um momento, pensou, com o seu orgulho de animal satisfeito e feliz, que devia ser cauteloso e rasoavel, e não perder com alguma inconveniencia imbecil as vantagens de uma situação, que nem atinava como ganhára...

E então fez-se mais meigo, mais tímido, mais respeitoso, tomou doces attitudes resignadas de victima, poz nos olhos tons implorativos de supplica, como se porventura tivesse de fazer-se perdoado de alguma enorme falta, e até encontrou notas mellifluas na voz quando fallava a Florinda, ou quando brincava com a Sarah.

Parecia um artista consummado, e era simplesmente um *natural*, mesmo quando imaginava estar obedecendo ao calculo frio do raciocinio; porque é de saber que o Thomé amava Florinda, inconscientemente sem duvida, mas amava-a; e d'ahi essa apparente contradicção entre o que pensava e o que sentia, poisque imaginando, no que fazia, proceder livremente, guiado só pelo seu criterio, apenas obedecia aos influxos d'esse estranho motivo impulsante, que o facetava e dirigia, mas que, ignorado e occulto, lhe dava a illusoria certeza de que era elle quem se determinava, quando aliás esse motivo o havia já absorvido todo...

Este desdobramento de consciência, que no Thomé se operava sem a sua intervenção pessoal, porque era um sincero e um simples, em Florinda produzía-se procurado pela analyse e pela observação d'ella propria, que, reconhecendo haver cedido, queria agora começar estudando em si e n'elle os effeitos d'essa, para ella, momentanea febre do sangue...

E decidiu-se a começar a experiencia. Fez-se então reservada e calma, apparentou uma indifferença que não sentia e um inteiro esquecimento do que se havia passado, e diligenciou mesmo conter-se nas restrictas e accentuadas fronteiras de uma ceremoniosa compostura e de uma pautada delicadeza.

Calculava assim arrefecer Thomé, tirar-lhe a noção nitida das impressões experimentadas e recebidas, e pôr-lhe no espirito a incerteza torturante dos proprios factos e o laivo amargo da duvida...

Conseguiu-o no primeiro dia em que o viu; mas não obteve os effeitos que vaticinára, porque não contára com a attitudé d'elle, retrahida e vaga, ella que o esperava expansivo e quente, transbordando de amor e de reconhecimento, de alegria e de esperança...

Aquelle inexperiente desconcertava a sua experiencia. E, dias depois, como quer que visse que não valia a pena analysar-se e analysal-o, *poisque as cousas eram o que eram*, quando Thomé respeitoso e com uma certa tremura na voz lhe perguntava o que tinha, ella respondia-lhe com uma já mal disfarçada tristeza:

—O que tenho? E ainda m'ò pergunta? Mas então o que significa o seu proceder commigo, depois do que entre nós ha de commum?

E sublinhou muito aquelle *entre nós*.

Thomé esteve a pique de perder tudo n'um segundo, porque quiz fallar; mas, como se alguma boa fada o inspirasse n'aquelle momento critico, puxou-a brandamente para si, e, n'um beijo que parecia de lava, deu-lhe a melhor de todas as razões que podiam convencer um coração deseioso de o ser, no fundo.

E, depois, com uma habilidade que nem por experiencia nem em livro algum tinha aprendido, e que seguramente lhe vinha da natureza, que em certos e decisivos lances é o grande reflector da eterna verdade, elle disse-lhe com a suprema linguagem das caricias que convencem e que quebrantam, o que dentro de si proprio se havia passado, as suas duvidas, os seus receios, os seus desanimos como se julgava um labruste, e como a considerava a ella uma rainha — a sua rainha ao menos — como ignorava até se aquillo que por ella sentia era amor ou que nome tinha, como é que nada mais via senão ella e sempre ella, e mil farrapos de impressões todas assim como estas, expressas n'uma catadupa de palavras imprevisitas e revoltas, fugindo a toda a regra e a toda a syntaxe e entrecortadas de beijos, de lagrimas, de supplicas, de risos, que em breve desarmaram toda a pretendida colera de Florinda, e desfizeram o gelo que porventura se accumulava ainda na sua alma.

E foi uma tarde unica essa em que os dois sellaram com abraços interminaveis um sentimento que n'um começára a ser desejo, que n'outro não fora talvez, a principio, mais do que mera curiosidade, e

que saia d'ali agora caldeado em amor, n'um amor sereno, é certo, da parte de Florinda, fremente, do lado de Thomé, mas em amor enfim.

E então, como se realmente em Florinda tivesse reflorado a arvore da vida, esse fogo suave e lento foi ateando, ateando, e dentro de pouco os dois ardião n'elle com a mesma intensidade em termos que uma noite, quando Florinda ia ao quarto de Sarah acabar de a ver deitar-se e aconchegar-lhe a roupa, o que era seu invariavel costume desde muito, a filha, deitando-lhe os bracos ao pescoço e estreitando-a muito, segredou-lhe com essa presciencia estranha das creanças:

— Não é verdade, mamansinha, que por gostares muito do Thomé não deixarás de gostar de mim? Eu, eu tambem gosto muito d'elle... mas mais, muito mais de ti. E beijou-a soffrega.

Florinda quiz ralar e quiz sorrir, mas nem uma nem outra cousa logrou fazer, e só tambem teve como resposta um longo beijo e esta palavra:

— Tontinha! Emquanto procurava disfarçar a commoção involuntaria que aquella furtiva queixa lhe acordára n'alma.

E, ameigando-a, acarinhando-a muito, como para lhe varrer da pequenina cabeça a importuna sombra, ella ficou-se um momento a contemplar Sarah, que, com as mãositas encruzadas, começava levemente a dormir.

Depois afastou-se do quarto e — phenomeno estranho — quedou-se entre o corredor e a sala, alheia e vaga, procurando com os olhos nem sabia o quê, emquanto no seu pensamento, insensivelmente, iam tomando vulto as palavras de Sarah, como que repetidas agora n'um tom dolente e supplicante.

— A sua querida Sarah! Balbuciou. E tomada de um subito desejo de tornar a beijal-a, penetrou de novo no quarto d'ella, pé ante pé, e foi oscular-lhe a cabeça, onde a luz doce da lampada punha uns tons suaves e vagos...

Depois, parecendo ter readquirido a serenidade e a consciencia, safu vagarosa e voltou para o seu seião.

Foram correndo os mezes.

Thomé, cada vez mais absorvido por aquella despotica obsessão que lhe fazia ver Florinda em tudo e através de tudo, já varias vezes havia sido admoestado pelo sr. Libanio de falta de attenção e de menos zelo pelos seus deveres. E a verdade era que, contra sua vontade, distrahia-se agora a cada instante, não podia impôr ao espirito uma certa contensão, e tomara-se até de um vivo horror por certas minucias da sua vida de armazem, que preenchia contrariado e por demais.

(Continua.)

#### NA MISSA

Depois de longa e dolorosa ausencia Vi-a domingo. Tão bonita, oh Deus! Olhou p'ra mim, còruo, e, por prudencia, Baixou os olhos evitando os meus!...

OCNARY.